



Formas sociais da corporificação: etnografia, ansiedade e automutilação

Alef de Oliveira Lima¹  
Universidade Federal do Ceará

Resumo

O tema da saúde mental incorpora frequentemente diferentes modelizações de compreensão, desde aspectos fundamentais como a iminência de imagens catastróficas até a dimensão somática dos processos de adoecimento. Logo, parte do que se pretende neste artigo é lançar mão de uma resignificação etnográfica das categorias de ansiedade e automutilação. Abordo um conjunto de relatos de sofrimento de três adolescentes, com idades entre 15 e 17 anos, estudantes de uma escola de educação profissional no sertão cearense. Seus depoimentos, a respeito do que se pode nomear como uma experiência ansiosa, são comparados com distintos modos pelos quais a ciência antropológica concebe processos de corporificação do mundo, do tempo e da cultura. Assim, suas narrativas de aflição são problematizadas, não enquanto patologias individuais, mas estruturas emocionais encarnadas, perpassadas, inexoravelmente, por uma relação do sujeito com o corpo.

Palavras-chaves

Ansiedade. Emoção. Corporificação. Antropologia.

1. Professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, área de Teoria Antropológica. Pós-doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Doutor e mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui Licenciatura Plena em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará.

Formas sociales de corporización: etnografía, ansiedad y autolesión

Resumen: El tema de la salud mental a menudo incorpora diferentes modelos de comprensión, desde aspectos fundamentales como la inminencia de imágenes catastróficas hasta la dimensión somática de los procesos de enfermedad. Por lo tanto, parte de lo que se pretende en este ensayo es utilizar una resignificación etnográfica de las categorías de ansiedad y autolesión. Abordo un conjunto de relatos de sufrimiento de tres adolescentes, de entre 15 y 17 años, estudiantes de una escuela de formación profesional en el interior de Ceará. Sus testimonios, sobre lo que podría denominarse una experiencia ansiosa, se comparan con las diferentes maneras en que la ciencia antropológica concibe los procesos de corporización del mundo, el tiempo y la cultura. Así, sus narrativas de aflicción se problematizan, no como patologías individuales, sino como estructuras emocionales corporizadas, inexorablemente permeadas por la relación del sujeto con el cuerpo.

Palabras clave: Ansiedad. Emoción. Corporización. Antropología.

Social forms of embodiment: ethnography, anxiety, and self-harm

Abstract: The theme of mental health often incorporates different models of understanding, from fundamental aspects such as the imminence of catastrophic images to the somatic dimension of illness processes. Therefore, part of what is intended in this essay is to make use of an ethnographic re-signification of the categories of anxiety and self-harm. I address a set of accounts of suffering from three adolescents, aged between 15 and 17 years, students of a vocational education school in the interior of Ceará. Their testimonies, regarding what can be called an anxious experience, are compared with different ways in which anthropological science conceives processes of embodiment of the world, time, and culture. Thus, their narratives of affliction are problematized, not as individual pathologies, but as embodied emotional structures, inexorably permeated by a relationship of the subject with the body.

Keywords: Anxiety. Emotion. Embodiment. Anthropology.

Introdução

Alguns debates parecem se originar de algo da ordem do indescritível, e, com alguma razão, ao trabalhar com o tema de saúde mental na escola, enxergo que o problema tem muitas camadas que se movem entre o que é típico dos sistemas de ensino (em um contexto macrossociológico) e o grau de experiência do sujeito em sofrimento no espaço escolar (em um nível etnográfico). Abordando essa ideia dentro do contexto pós-pandêmico, desde 2022, a escola em que atuava como professor da disciplina de Sociologia passava por verdadeiros “momentos críticos” em relação aos Transtornos de Ansiedade (TA), comumente vivenciados pelos discentes (e, em alguma medida, pelos docentes). Esses transtornos apareciam em sintomas corporalizados: choros, dores físicas inexplicáveis, desmaios, fraquezas e dores de cabeça. Na ponta da questão subsistia, na minha compreensão, a ideia de que o subjetivo é tão necessariamente palpável, tal qual uma linguagem corporal, quanto o social pode ser. Seria generalizante dizer, com Lévi-Strauss (2001), que temáticas como essas são fatos sociais totais, uma mistura tríplice de dimensões: fisiológicas, sociológicas e psíquicas.

O psiquiatra português Adriano Serra, em um estudo sintético e bibliográfico acerca do “ansioso”, pontuou suas características da seguinte maneira:

[...] a ansiedade, como conceito, tem sido empregada nas mais variadas acepções, quer função das condições antecedentes que a evocam, quer como agente causal, força motivadora de um comportamento específico, traço de personalidade, impulso ou resposta emocional; presente em numerosas situações psiquiátricas, o papel primordial, salienta-se, porém, nos transtornos neuróticos; constitui um conjunto complexo de emoções, formado pela emoção dominante do medo, à qual se associam outras, entre quais: a culpabilidade, a amargura, a vergonha e o interesse-excitação (Serra, 1980, p. 93).

A compreensão de Serra, apesar de datada, ganha na contemporaneidade novo verniz, que pouco parece alterar o fato de a ansiedade ser, antes, um complexo jogo de emoções. Algumas ideias-chave defendidas pelo autor foram melhor desenvolvidas por um grupo de pesquisadores em psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, vinculada à Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Os estudos esclareceram que parte das investigações sobre a ansiedade e outros transtornos associados reduzia sua prevalência com atividades físicas ao ar livre (Araújo; Mello; Leite, 2007). Esses efeitos anti-ansiolíticos seriam resultado do contato do ansioso com o mundo e com o corpo, cuja liberação de hormônios produziria novas respostas psicofisiológicas: não é só emoção, também é corpo. Além dessa caracterização e da roupagem nova, transtorno², e não mais doença ou afecção, a ansiedade parece performar algo a mais.

O termo “transtornar”, quase como um desacordo entre o sujeito e o mundo, talvez faça mais sentido, antropológicamente falando. Desacordo esse que tem por base uma “desordem” de somatização entre percepção, cultura, emoções e ambiente. Alguns autores, como Ulrich Beck (2010), argumentam que a modernidade tardia, advinda do capitalismo, estabeleceu uma sociedade de ameaças praticamente infinitas, potencializando, portanto, a sensação de insegurança e medo. Assim, ansiedade, depressão e outras formas de padecimento podem ser vistas como modos de gestão subjetiva e individualizada de forças sociais cada vez mais indeterminadas, em processos econômicos profundamente autorreferenciados: “a sociedade de risco é uma sociedade catastrófica. Nela, o estado de exceção ameaça converter-se em normalidade” (Beck, 2010, p. 28), fazendo com que o tipo-ideal do ansioso seja alguém que sofre “da espera” em relação à própria temporalidade do mundo.

2. O que é um transtorno? Dentro das conceituações dos manuais diagnósticos utilizados frequentemente no campo das ciências psicológicas, um transtorno se configura como um conjunto de sintomas de estresse psicológico que tem como características surgir em momentos indevidos, certa periodicidade e produzir uma espécie de mal-estar adaptativo no sujeito. Ver: Transtornos de Ansiedade. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt/casa/distúrbios-de-saúde-mental/transtornos-de-ansiedade-e-relacionados-a-fatores-estressantes/considerações-gerais-sobre-transtornos-de-ansiedade>. Acesso em: 10 set. 2023.

Essa modelização temporal do sujeito a partir do mundo e daquilo que se pode definir como o tempo da cultura e sua intrusão subjetiva pode também estar ancorada em diferentes leituras da temporalidade global. Não apenas o risco e sua distribuição, mas as próprias lógicas políticas de se antecipar a ele. Autores/as como Paul Rabinow e Limor Samimian-Darash (2015) e Maria José de A. Abreu (2015) defendem a existência de modos de indeterminação temporal (e tecnológica), produzidos por diferentes agentes sociais, governos, estados, organizações não governamentais, operando em larga escala na tentativa de antecipar/prever/calcular catástrofes climáticas e econômicas. Quando tais tentativas parecem não conter a imprevisibilidade e ficam fora de controle imediato, as implicações sociais deslizam para o cotidiano, em bolhas de redes sociais, *fake news* etc. Os indivíduos não apenas consomem a iminência do risco, mas tentam, em suas próprias condições, modelá-lo a partir de sua experiência limitada. Nesse sentido, a ansiedade se constrói no colapso desses experimentos individualizados, em suma, uma avalanche de emoções que são tomadas como “efeito” desse real caótico.

Na escola, os transtornos de ansiedade, por seu turno, não aparecem isolados de outros processos de adoecimento que parecem firmar um lugar-comum: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), depressão, automutilação não suicida, dentre outros. O ponto de singularidade entre esses modos de adoecimento, que, obviamente, abrangem aspectos tanto genéticos quanto ambientais, é o fato de que, na instituição escolar, o espaço das sociabilidades desencadeia significantes culturais que circulam, operam efeitos nas percepções, compartilham sentimentos, produzem corporeidades e confrontam diferenças, e tais marcações inscrevem-se nos processos de adoecimento dos/as estudantes. Quase sempre, os indivíduos que detêm um padecimento psicossomático revelam-se com um outro conjunto de sintomas, como: sudorese, baixa autoestima, crises de pânico, episódios de mania. Assim, é relativamente difícil isolar, no teor etnográfico, um sintoma do seu contexto de aparecimento. Então, como parte do método, penso os processos de sofrimento como fatos etnográficos (Peirano, 1995), ou seja, dimensões construídas no interior da interação da pesquisa.

Com base em uma abordagem etnográfica, utilizo um conjunto de notas de campo e entrevistas de longa duração para interpretar as experiências de ansiedade e automutilação de alguns estudantes do Ensino Médio, com idades entre 15 e 17 anos, que passaram por momentos agudos de sofrimento na escola em que atuei como professor de Sociologia. Antes, porém, faço uma curta digressão. Os dados deste artigo baseiam-se em um projeto de pesquisa que foi submetido ao colégio, assinado pelo diretor, com os devidos termos de anuência para a realização da investigação. A escola fica situada a 80 quilômetros da capital do estado, Fortaleza, localizada no sertão, em uma cidade de pequeno porte, com uma população estimada de 40 mil habitantes. A instituição

recebe discentes de outras cidades menores e de zonas interioranas, tendo um público heterogêneo. Todavia, por se tratar de uma escola profissional, o sistema de ingresso é por notas, tendo adotado também as chamadas cotas territoriais para estudantes em vulnerabilidade social e para atender alunos com deficiência. Do ponto de vista do seu perfil racial, há predominância de discentes brancos.

O colégio surgiu de uma iniciativa do movimento de aprendizagem cooperativa e solidária nos anos 2000. Na época, foi denominado Projeto Educacional Coração de Estudante, depois, a partir de uma parceria com a Universidade Federal do Ceará (UFC), passou a utilizar a seguinte designação: Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE). Ingressei como docente por meio do concurso em 2021 e passei a ofertar uma disciplina optativa em decorrência da Reforma do Ensino Médio. Minha disciplina, Saúde Mental e Sociologia, foi, aos poucos, me dando acesso, durante as aulas, a depoimentos, comentários, conversas sobre temas de ansiedade generalizada, depressão, conflitos que os/as estudantes relatavam; e, dessa maneira, foi possível a minha inserção.

Para realizar a pesquisa, além da anuência do diretor e da submissão do projeto, utilizei a Resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016), que reconhece as necessidades singulares da pesquisa, e criei um protocolo de investigação com os termos documentais: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que os pais/responsáveis dos/as estudantes que quisessem participar assinassem em duas vias, e o Termo de Ciência para os/as adolescentes (com o aceite registrado em áudio), também em duas vias.

Durante uma reunião de pais e mestres, em 2023, tive espaço para explicar mais sobre meu projeto. Muitos se mostraram interessados, e houve unanimidade no aceite verbal da pesquisa, porém, colegas professores apoiaram de forma menos enfática. É preciso ainda constatar que a escola tem um caráter experimental: foi alvo de uma pesquisa de doutorado e recebia, naquele momento, estímulos para publicações relativas ao seu ensino, considerado diferenciado por trabalhar com células de aprendizado – grupos de três estudantes que revezam a produção das tarefas. Esse clima de abertura facilitou a execução da pesquisa e rapidamente se espalhou entre os/as estudantes e pais, que me procuravam para saber mais. Mais tarde, um ano depois, no final de 2024, a investigação foi acolhida como plano de pesquisa para o Pós-Doutorado em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS-UFC). O artigo, portanto, é mais um de seus resultados. O projeto não passou pelo Comitê de Ética, entendimento justificado por dois motivos: 1. baixa possibilidade de identificação (anonimização com nomes fictícios para todos/as os/as participantes); 2. recorte temporal que implicava que boa parte dos/as interlocutores já não se encontrava mais vinculados à escola (aspectos da justificativa estão previstos na Resolução n.º 510, já mencionada).

Além desses apontamentos éticos e legais, é necessário advertir que o texto a seguir toma apoio na prerrogativa de que a ansiedade, como forma de adoecimento psicossomático, se traduz socialmente em um significante compartilhado e mediador das relações dos sujeitos com a temporalidade social e seus corpos. Meu foco é constituir alguns relatos e modos de sentir em que a experiência ansiosa se presentifica nos contextos escolares e, conseqüentemente, se reflete em formas de agenciamento corporal, moral ou emocional. Apresento, em cada tópico, maneiras de antropologizar a análise da ansiedade como uma corporificação do mundo. Logo, o esboço de problematização se dirige a uma antropologia fenomenológica e suas interfaces afetivas, sociais e, em alguma medida, terapêuticas. Os depoimentos coletados em março de 2024 perfazem um interessante contraponto para a compreensão da aflição da ansiedade, distinto das formas convencionadas no campo da psicologia e da psiquiatria.

1 A mão que segura o gelo: ansiedade e corpo

Sentada, chorando copiosamente, com a respiração ofegante, com os pés agitados, o cabelo caído para o ombro esquerdo, desorganizado, desbotado pelo sol e pela provável má qualidade da tinta, Fran (15 anos) pede às secretárias que não liguem para a mãe dela. Ao lado dela, uma colega segura a sua mão direita. Na outra mão, a coordenadora de estágio da escola segura um pote de vidro cheio de pedras de gelo. Fran agarra-se ao gelo e à mão da colega, que a abana preocupada. No canto da sala, as secretárias me indicam que ligue para a mãe para vir buscá-la. Sem saber ao certo o que ouviu, Fran repete: *“Para a minha mãe, não”*. A colega pede para falar comigo e informa que a relação entre Fran e sua mãe está abalada desde a morte de seu pai. Ambos eram apegados e se compreendiam. Pelo lado materno, a experiência de sofrimento de Fran seria apenas um reflexo do luto e, no limite, algo a ser esquecido ou deixado de lado.

Pelo telefone, depois de comunicar o ocorrido, a mãe de Fran me responde: *“É um choro, acho que está ansiosa, já passa”*. O que sucede, de fato, é que ela se acalma, se apronta e vai com a turma para uma aula técnica em um dos centros de processamento de alimentos da região. A cena toda me deixou confuso. A preocupação das servidoras e da amiga de Fran era evidente, assim como a despreocupação da mãe, o que me fez refletir sobre o fato de que, entre a vivência de uma crise de ansiedade e as formas inteligíveis de interpretá-la, há um caminho e tanto. Diante disso, quero tratar neste texto do elemento da experiência do sofrimento enquanto algo distinto de uma coisa deslocada de um corpo que sofre. Meu intento é pautar a corporalização do sofrimento, tomá-lo como processo subjetivo de inscrição somática e emocional, em que as supostas fronteiras (daquilo que é ou que não é corpo) se deslocam. Fazer corpo na ansiedade

parece se constituir como parte de um processo de transformação da pura experiência emocional em algo carnalmente situado. Trata-se de presentificar o corpo, convertê-lo em um poder de âncora que prende o sujeito à temporalidade do presente.

Talvez pensar a ansiedade nos termos de um transtorno mental não forneça elementos suficientes para aquilo que quero realçar. Darcy Ribeiro (1990), no texto “Uirá vai ao encontro de Maíra”, questiona-se sobre a experiência indígena de sofrimento. Uirá é um indígena da etnia Urubu, do norte do Maranhão. O relato etnográfico de Ribeiro o anuncia como alguém em procura de Maíra, o herói cosmológico que aquela sociedade sugere ser o possuidor das características que livram do sofrer e reestabelecem ao sujeito suas potencialidades. Uirá perdeu o filho mais velho. Tal fato é o começo de sua peregrinação. Em sua viagem, atravessa zonas urbanas do estado, chega a ser apedrejado com sua família. É vestido pelos citadinos, que tentam convertê-lo ao mundo dos brancos. A análise prossegue e deixa evidente que a figuração do sofrimento dele é respondida com fórmulas ancestrais: medidas emotivas, dotadas de força de sentimento (ou, mais precisamente) a descrição de outros sentimentos que, nós, como ocidentalizados, não possuímos: Inãron e Apiay³.

Aquelas emoções exigiam procedimentos rituais: quebrar sua moradia, destruir utensílios, alimentos, a fim de produzir a catarse da raiva; depois, se trancar em pensamento, se deslocar, vagar em busca de Maíra e livrar-se, não mais da raiva, mas da tristeza profunda que o devorava. Os sentimentos de Inãron e Apiay eram socialmente legítimos em sua etnia, pondo-se como elementos que pavimentavam o caminho do guerreiro. Para extravasar as crises emotivas em um sentido de realização cosmológica, o que se esperava era o grau máximo da reivindicação de seu desengano, pois, quando a raiva e a tristeza não se punham suficientemente, aparecia uma espécie de resíduo ou contorno intransponível sobre aquilo que ainda se podia sentir. De todo modo, o relato acaba com o fim de Uirá, banhando-se em um rio cheio de piranhas, na fronteira mórbida entre a abdicação do lamento e a busca espiritual. O relato de Ribeiro (1990) desponta, nesse lado, no sentido de que as emoções sentidas, percebidas, expressas e manifestas ecoam em formas diversas de tornarem-se, ou não, inteligíveis. O sofrimento psíquico, portanto, é sobretudo um resultado complexo de lógicas culturais, tendo, inclusive, um aspecto de resíduo simbólico, que talvez, psicólogos/as e psiquiatras denominariam de gatilhos.

François Laplatine, etnólogo francês, abordou os modelos etiológicos e terapêuticos da saúde-doença como produtos necessariamente sociais. Assim, o processo de adoecimento não se funda apenas em elementos psicoquímicos ou neurofisiológicos. O conhecimento dos sujeitos “doentes”, suas lógicas de explicação, bem como as dife-

3. Inãron, nos caminhos ancestrais da etnia Urubu, é traduzido como um processo de intensa irritabilidade e raiva. Já Apiay é a latência máxima do desengano posta como tristeza e prostração.

rentes representações que determinada patologia pode assumir nos sistemas culturais de cura/diagnóstico, servem para ilustrar a ideia de que a ansiedade ou o sofrimento psicossocial (de maneira geral) dependem da forma como ela é representada historicamente e situada culturalmente.

[...] quando se fala em etiologia em nossa sociedade, considera-se quase sempre exclusivamente a única etiologia científica da Medicina contemporânea e praticamente jamais a etiologia subjetiva, mas simultaneamente social, que é a dos próprios doentes. A ideia largamente predominante é que a causalidade (bio)médica é isenta de representações, como se sentíssemos dificuldade em admitir que a doença é um fenômeno social, que não é unicamente produto do especialista, mas absolutamente de todos (Laplatine, 2010, p. 14).

No caso dos sofrimentos psicossomáticos, algumas leituras morais do senso comum enviesam, frequentemente, o entendimento. O antropólogo carioca Luiz Fernando D. Duarte (1986) argumentou algo similar sobre uma dimensão axial na compreensão da “doença dos nervos” nas classes trabalhadoras. Alguns alunos, certa vez, em sala, quando comentei sobre a pesquisa acerca da ansiedade pós-pandêmica, comentavam que seus pais (os mais velhos) tratavam de maneira risível suas queixas, ora como frescura típica de adolescentes para fugir da escola, ora como “falta de leitura da Bíblia”.

Essa informação é útil por instituir, no pano de fundo das relações cotidianas, as mediações que os/as jovens e seus pais/parentes têm com determinadas formas de adoecimento. Consequentemente, esse grau de adesão às narrativas que desmerecem ou esvaziam o sentido subjetivo da ansiedade acaba levando os/as sujeitos a procurar, tardiamente, ajuda psicoterápica. Minha aluna e interlocutora Fran contou algo similar após a crise descrita anteriormente. A ideia do luto insistido por sua mãe era verdadeira; todavia, a falta de um diálogo aberto sobre o significado da perda do pai gerava uma espécie de tensionamento entre sua necessidade de expressar o luto e a vontade da mãe de que ela desse conta de significar aquele episódio. Mesmo tendo auxílio psicológico, Fran queixa-se da ausência de compreensão, e tal situação parecia ser somaticamente ilustrada.

Quando falou de sua própria terapia e do modo como se sentia em relação ao seu processo de expor o luto da perda paterna, Fran afirmava ter dificuldade de enfrentar a realidade da dor. Seus choros copiosos, a falta de motivação, a tristeza iminente, a dor de cabeça implacável, tudo compunha um quadro de sintomas que, por vezes, alcançavam um grau maior de desespero. Ela conta que suas crises se intensificaram no retorno às aulas presenciais. Seu pai morreu em 2021, e, ao longo dos três anos seguintes, a relação com a mãe piorou. Na sua perspectiva, havia um empecilho nas interações com ela. Esse entrave se devia à visão de mundo que sua mãe representava, como uma mulher evangélica e defensora de crenças que Fran considerava controversas ou, no mínimo,

equivocadas. Seu falecido pai, por outro lado, era “mente aberta”, menos propenso a acreditar em moralismos e, por isso, afeito ao novo.

Apesar de considerar ter afeto e admiração por ela, Fran a enxerga como mais dura e menos sensível do que foi seu pai. Um dos pontos importantes que ela chega a relatar é que, durante a terapia, além das técnicas de respiração que aprende e do ato de falar de suas questões, ela percebe que a psicóloga enfatiza que ela se torne alguém do presente. Ou melhor, que entenda a sua perda e a ressignifique a partir do tempo a ser aproveitado hoje. Essa ideia-chave me chama a atenção, pois, dentro de diferentes escolas psicológicas, o quadro de ansiedade é tratado dentro da lógica de “fazer o corpo”. O significado assumido por essas perspectivas, seja na psicologia positiva ou na terapia cognitivo-comportamental, revela a conversão de uma situação hiper potente de pensamento em uma figuração corporificada da realidade circundante. O gelo que ele segurava é uma boa ilustração.

Roger Bastide (1983), a exemplo de uma análise etnológica, admite que as técnicas de relaxamento e repouso são também técnicas do corpo (Mauuss, 2001) e se centram nos modelos culturais que lhe são pertinentes. Repousar e relaxar, apesar de terem componentes fisiológicos (musculares, sensoriais) comuns à experiência propriamente corpórea, são produzidos no tensionamento afetivo e social daquilo que se aprende sobre o que é um corpo relaxado ou em repouso. Afinal, a intenção é sugerir que as técnicas que possibilitam “perceber um corpo” também concebem um corpo sensível. Esse parece ser um registro de abertura que não distingue natureza e cultura, emoção e razão, sensível e cognitivo. Assim, o complexo campo de correlações que a ansiedade permite analisar é a base do fenômeno de sua corporeidade. Diferentemente do que se pode pensar, a experiência de uma crise ansiosa requer mais corpo e menos pensamento. Daí, as técnicas de relaxamento que envolvem possibilitar o contato fenomênico do sujeito com o mundo, já que, a rigor, a ansiedade é, antes de tudo, a traição da percepção do presente.

O interessante em fazer corpo como elemento singular na problematização da ansiedade é que ele se liga a diferentes episódios emocionais da vida dos indivíduos. Além de Fran e sua tentativa de segurar o gelo para voltar ao presente, uma outra discente, em entrevista, contou com detalhes doloridos (e corporais) seus momentos de crise:

Vanessa: *Eu estava na sala conversando com a Lys e daí um assunto que despertou um conjunto de pensamentos. Pensamentos intrusivos. Era uma aula de geografia. Eu fiquei quietinha na minha, para tentar mudar as vozes, os pensamentos. Eu tentava mudar os pensamentos, só que eu não consegui. Daí começou a faltar ar. A Lys e a Ester perceberam e me tiraram da aula e nós fomos aqui para frente da sala dos professores. Eu fui chorando cada vez mais e meu ar foi faltando mais e mais (olhos marejados ao contar). Fui ficando nervosa. Eu fico travada, meu pé não mexe, minha mão não mexe, ela fica assim... exatamente*

*assim... (Ela gesticula a mão fechada em punho cerrado virada para esquerda).
Eu realmente não me movia. [Entrevista realizada em 14/03/2024, p. 4]*

Vanessa é uma aluna proativa, parda, lésbica e mantém uma relação também conflituosa com a mãe. Durante seu depoimento, ela me relatou dimensões específicas de suas crises e afirmou que elas começaram na pré-adolescência, por volta dos 13 anos⁴. A vida de Vanessa é a escola, e ela deixa isso claro. Sua mãe não queria que ela viesse para uma escola fora de sua cidade natal e colocou entraves para a vinda dela em diversos momentos, aumentando sua infrequência. Ela afirma se sentir solitária, tendo poucos amigos, apenas dois, em especial, que são conterrâneos. Durante todo o seu depoimento, ela enfatiza como considera que tem uma relação ruim com a mãe, mas que, com o pai e o irmão, as coisas são um pouco diferentes. Entretanto, ambos não param em casa. Essas ausências parecem justificar seu sentimento de solidão.

Outro aspecto interessante da entrevista de Vanessa é sua disposição em relatar, com tamanha precisão, a fisiologia da ansiedade. Diferentemente de outras crises que pude presenciar, ela insistia em um fator de particularidade da sua experiência. A sensação de paralisia, chamada por ela de “travamento”, ocorre quando o enrijecimento involuntário dos músculos percorre todas as partes do corpo, em uma gigantesca câibra, cujos pormenores, os gatilhos, ela não conseguia expressar exatamente naquele momento. A culminância de suas crises era um desmaio:

Vanessa: *Porque eu só sei que não consigo me mexer, fica tudo travado e que eu não consigo respirar. Aí, foi chegando um monte de gente e a coisa foi piorando. Nesse momento eu desmaio, acho que desmaiei duas vezes, eu acho... Eu já tenho um histórico de desmaios. Teve um ano passado que aconteceu a mesma coisa aqui na escola e outros dois. Um foi no hospital e outro foi em casa. [Entrevista realizada em 14/03/2024, p. 4]*

O desmaio era sentido por ela como o fim do pensamento. O colapso geral do corpo, que, a fórceps, em sentido estrito, ganhava a conotação de elemento final e de salvaguarda das suas crises. Gostaria de sugerir, seguindo o fio de problematizações traçadas até agora, que o modo de corporificar a ansiedade, seja pelas sensações (o critério somático de segurar uma pedra de gelo até os dedos doerem) ou pelo desmaio (o apagar do corpo inteiro enquanto forma de fazer cessar pensamentos intrusivos), resvala na ideia de que a experiência mesma de se sentir ansioso/a pende para uma estrutura de pensamento-sentimento. Os aspectos dessa estrutura fenomênica convocam a corporeidade como contrapeso à

4. Sua narrativa corrobora com dados estatísticos organizados pela Organização Pan-Americana de Saúde acerca da prevalência do início de alguns transtornos mentais por volta dos 12 aos 14 anos.

desregulação da temporalidade, tornando, de novo, o sujeito sensível ao passar do tempo, divergindo corpo-e-pensamento/corpo-e-sentimento. O ato de segurar o gelo ou a síncope despedaça o excesso de pensamentos e concede vazão aos sentimentos conspurcados.

A antropóloga gaúcha Ceres VÍctora ajuda a definir a problemática da ansiedade como um tipo de sofrimento social, na medida em que sugere uma singularidade para a perspectiva antropológica/etnográfica dos fenômenos aflitivos:

[...] o olhar antropológico para esse fenômeno se volta fundamentalmente para os processos sociais, políticos, culturais e econômicos que, combinados, engendram formas corporificadas de sofrimento e para como essas formas corporificadas de sofrimento também contribuem para a especificidade da vida social. A dualidade sociedade-indivíduo aparece, assim, sempre um pouco tensionada nessa abordagem antropológica, na medida em que se percebe que no sofrimento estão implicadas múltiplas causas e múltiplas consequências, difíceis de serem identificadas como se pertencentes ao domínio do indivíduo ou da sociedade. As formas e contextos de interpenetração de um pelo outro tornam-se, portanto, uma questão teórica a ser investigada e debatida a partir de diferentes contextos etnográficos (VÍctora, 2011, p. 4).

Resguardo as diferenças conjunturais entre a pretensão do meu texto de argumentar acerca da ansiedade como corporificação e a especificidade do texto de VÍctora ao tratar do contexto etnográfico da saúde da população indígena dos Charrua, no Rio Grande do Sul. No entanto, o valor da análise se centra em perceber como as demandas por saúde, as lógicas de sofrimento, e, por que não, as formas sociais que esse sofrimento opera transitam a partir de corpos, fazem-se corpo em um jogo semiótico-sensorial. Sujeitos singulares, nos quais suas dimensões emocionais e afetivas, corporais e simbólicas, operacionalizam e materializam o sofrimento em modos rituais, práticas corporais, gestualidades, palavras de dor, choro, olhares tergiversados, tremores involuntários.

Dito de outra maneira, a ansiedade apregoada pelas interlocutoras tem alguns pontos em comum: ambas têm uma relação de hostilidade manifesta com suas mães, também relatam que as crises são antecipadas por intensas ondas de pensamentos intrusivos, cujos efeitos despertam gatilhos de sensibilidade no próprio corpo: o choro desconcertante, o desmaio, o “travamento”. Suas manifestações de sofrimento, a ansiedade ou o desengano pelo luto, tinham dimensões próprias, singulares, que diziam respeito a estilísticas de existência. Vanessa, por exemplo, começou a usar sertralina⁵ no

5. Em diferentes sites psiquiátricos e blogs de biomedicina, a sertralina é descrita como um antidepressivo utilizado no tratamento de transtornos obsessivos-compulsivos, síndrome do pânico e fobia social. Sua venda é de receita retida e apenas com prescrição médica. A forma comum como é encontrada nas farmácias é cloridato de sertralina. O composto funciona na seleção e recaptação de serotonina no cérebro. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/sertralina>. Acesso em: 26 jan. 2025.

tratamento contra a ansiedade, e, durante seu depoimento, reforçava o quanto a droga parecia não fazer efeito. O psiquiatra fazia e refazia a dosagem, mas nada; depois de algumas tentativas, trocou-a por um antidepressivo mais forte. Fran, ao contrário, afirma que tomava calmantes como valeriana e maracujina.

O interessante, nas duas situações, é que o uso de remédios (psiquiátricos ou não) aparecia nas entrevistas como recursos para estabilizar, resfriar, frear o fluxo de pensamento e, logicamente, apaziguar as emoções. É como uma *“guerra entre sentir e pensar”*, disse Vanessa, com olhos marejados, no fim da sua entrevista, conflito que tanto é químico-emocional quanto neurológico-cultural. Vale comparar as entrevistas com o material etnográfico recente coletado pelos pesquisadores Gabriel Salgado R. de Sá e Marcel de A. Freitas (2025). Na análise sobre o fisiculturismo e as estratégias de modelação corporal, os autores apontaram a existência de práticas disciplinares do corpo. Diante de pensamentos intrusivos, vazio existencial e outras afecções, os praticantes daquela modalidade esportiva passavam a enxergar na corporalidade um campo possível de autocontrole, seja por exercícios físicos, treinos, seja por combinações farmacológicas, químicas e nutricionais. Tanto as entrevistas de Fran e Vanessa quanto o material de Sá e Freitas permitem abordar uma sociedade na qual o corpo é visto, descrito e mediado como fronteira social de negociação das identidades e dos modos de sofrimento.

2 O ato de se cortar: escola, amizade e isolamento

Muito do que gostaria de expor acerca de como corporificar a ansiedade e sua experiência sensorial foi posto nos parágrafos acima. Nesta seção, a questão toma outros contornos, que se referem às maneiras de fazer do corpo um suporte de sofrimento e, no limite, um objeto de sua expressão. Existe um campo de estudos, em particular, pesquisas de cunho qualitativo das áreas de educação e de psicologia social, saúde pública e psiquiatria, que tratam do tema da automutilação como uma problemática específica da adolescência (Moraes *et al.*, 2020). A automutilação não se confunde com a escarificação ritual, não se assemelha à tentativa de suicídio (apesar de ser posta como indício) e não é facilmente detectável, já que podemos defini-la como um ato efetivo, próprio de um sujeito de ferir-se, por quaisquer meios disponíveis, para fazer cessar algum tipo de tensão psíquica (dor). Em suma, a automutilação poderia ser, ainda, pensada em termos de uma pressão social feita à carne enquanto símbolo particular de dor.

Marcel Mauss (1979) possui um outro texto interessante, além daquele já comentado aqui sobre as técnicas corporais, que me ajuda a pensar, inicialmente, a situação a ser analisada e descrita: “A expressão obrigatória dos sentimentos”. No curto artigo, ao manejar diferentes dados etnográficos, o etnólogo francês pontua o modo

como as emoções figuram enquanto uma linguagem, mecanismo de expressão e, portanto, de reciprocidade. Mauss faz um balanço dos rituais funerários das sociedades autóctones australianas para demonstrar seus aspectos fundamentalmente sociais: sentimentos que circulam para dizer alguma coisa. Os choros, grunhidos, servem, para ele, no argumento de que as forças sociais, longe de configurarem aspectos abstratos de representação, refletem-se no ânimo e na existência dos gestos corporais dos sujeitos. A novidade de sua abordagem é a dimensão de reciprocidade, regulação e expressão que apresenta os sentimentos como fatos morais – dotados de peso cultural. Ao mirar nessa ideia, fica mais inteligível compreender que as narrativas de sofrimento expostas pelos meus discentes e interlocutores se referiam à singularidade de suas dores emocionais e sociais; e aos modos somáticos de significá-las.

Agora, a hipótese da corporificação da ansiedade adota outro tom. Para contextualizar a dimensão etnográfica da entrevista, vou ressaltar alguns cuidados que desenvolvi na produção do artigo. Como ouvinte de narrativas de sofrimento, merecedor de confiança dos interlocutores e interlocutoras mediada, possivelmente, pela maneira como compreendiam o projeto de pesquisa e a representação que detinham de mim enquanto professor, tentarei ser o mais sensível possível na forma de apresentar esse outro elemento próprio dos transtornos de ansiedade e congêneres. Talvez ainda em paralelo com o texto de Sá e Freitas (2025), seja possível enxergar a automutilação como uma tentativa de estabelecer um controle de si (ou sobre si); o ato de cortar o corpo seria um subterfúgio de uma intenção de expressar, mais do que esconder, um protesto.

Agora irei descrever o perfil do meu interlocutor: trata-se de um menino branco, de cabelo liso e olhos profundos, que, amiúde, discutia e desentendia-se frequentemente com os colegas de sua sala, tendo, assim, por conta de seu temperamento quase imprevisível, uma relação tempestuosa. Esses fatos colaboravam para seu isolamento e culminaram no ápice de sua crise de raiva, alguns dias antes da entrevista que me concedeu. Para os devidos fins, irei chamá-lo de Évio, conforme sua própria preferência por um nome fictício. Évio não parecia gostar de falar no início do ano letivo. Como a cidade era pequena, algumas histórias corriam rápido e, na sala dos professores, o burburinho era de que Évio e sua irmã Elisa vinham de um lar que havia sofrido uma grande perda. A irmã mais velha de ambos havia morrido bem antes de eles nascerem.

Segundo o próprio Évio, no início de sua interação comigo, a mãe tornou-se superprotetora. Essa atenção sentida por ele fez com que nutrisse uma sincera admiração pelo lado materno de sua família. Feito emocional que ele não consegue realizar muito bem em relação ao pai, já que ele é uma figura distante em termos afetivos. Sua mãe e seu pai estão casados há mais de dezesseis anos, “*juntaram-se ainda adolescentes*”, conforme sua descrição, e isso contribui para o senso de pertencimento de Évio. Apesar

disso, como mencionei anteriormente, a visão de seu isolamento na escola sempre aparecia no discurso sobre as suas amizades:

Évio: Amigos, eu tenho poucos. Não vou mentir. Mas é melhor poucos do que ter muitos e não confiar em nenhum. Eu tenho no máximo, acho sete ou oito, no máximo dez. O resto são só colegas. Depende da confiança. Tem tipos de pessoas que tem duas caras, três. Mas aí eu percebi que essas pessoas não eram as que eu queria andar, que eu queria me envolver, que eu queria estar do lado. E aí eu desisti. E eu tinha outras pessoas, as pessoas mais tímidas que eu me identifiquei com elas e eu fui me aproximando e adquirindo laço. [Entrevista realizada em 14/03/2024, p. 5]

Esse processo de socialização foi fundamental, até certo momento, para sua adesão à turma e ao clima emocional que ela exibia. Na entrevista, Évio tinha falas um pouco fragmentadas, talvez tentasse dizer o que eu queria escutar, porém, seus olhos arregalados e o uso das mãos no boné o denunciavam quanto ao seu nervosismo. Conforme a entrevista avançava, comecei a percebê-lo corporalmente: ele usava uma blusa de mangas compridas, e a calça também excessivamente comprida, como se não quisesse mostrar a pele. Aos poucos, ele foi ficando mais tranquilo. No roteiro das entrevistas semiestruturadas, optei por trabalhar com cinco tópicos: família, escola, amigos e afetos, saúde mental e experiência com psicoterapia. Inicialmente, não tratei diretamente a “questão dos cortes”, como ele a denominaria em um primeiro momento. O roteiro teve esse efeito: deixar os/as interlocutores/as menos vulneráveis. A ideia era construir uma base de perguntas confortáveis e ir aprofundando, aos poucos. Como ferramenta de pesquisa, a roteirização da entrevista criava um espaço concêntrico de falas que serviam de autorreflexão aos/às entrevistados/as.

Voltando à entrevista, Évio contou que sua entrada naquela escola foi comemorada, tanto pela mãe quanto pelo pai, que esperavam essa oportunidade. Para ele, foi algo importante adentrar a escola conforme a idealização da família. No entanto, o processo de adaptação ao regime integral o incomodava. Como tomava alguns medicamentos psiquiátricos, acordar antes das sete era algo custoso. Nesse momento, quando discutíamos sua experiência na escola, Évio ficava bem ansioso, talvez considerasse que eu queria alguma informação sobre seu “surto”, mas ele percebeu que não. O “surto” foi um episódio de crise de raiva, no qual toda a escola escutou seus gritos, quando discutia com seus colegas e uma das professoras do curso técnico. Ele não mencionou nem tocou no assunto enquanto o gravador estava ligado; no entanto, após eu desligar, confirmou, cabisbaixo, que ressentia muito o ocorrido e via com apreensão os olhares dos outros estudantes sobre sua pessoa.

Sua narrativa deixava evidente uma identificação comigo, talvez por ser seu professor e por gostar da maneira como eu conduzia as aulas. Sempre se sentava nas primeiras fileiras, mesmo assim, seu rendimento era mediano, o que, por certo, não diminuía seu esforço. Contudo, essa tentativa esforçada se repetia como um padrão em suas relações, uma espécie de forma de sociabilidade. Comecei a notar isso quando Êvio se apresentava como uma pessoa prestativa e realmente preocupada com os “outros”:

Êvio: Eu gosto bastante de ajudar aquelas pessoas. Eu gosto muito de ajudar as pessoas. Eu não consigo ver alguém ao meu redor triste, chorando, desanimado. Por conta que eu já passei por aquilo. A minha função é ser a pessoa que eu não tive quando eu estava mal, ser aquela pessoa que apoiava, escutava, ouvia, sabe? Porque ela ia sentir confiança e eu não tive aquilo. Eu vendo aquela coisa ou eu fazendo para as pessoas que estão ao meu redor já é o suficiente para mim. [Entrevista realizada em 14/03/2024, p. 6]

A ideia dessa preocupação tinha contornos específicos e relativos à sua própria experiência escolar, na qual a figuração de um sentimento de isolamento ou afastamento em relação aos colegas, desde o Ensino Fundamental, o fez querer sempre agradecer:

Êvio: Eu tinha vários amigos na escola anterior e ficar sem eles aquilo me abalou. Por conta que eu os perdi assim que entrei aqui, em uma escola pública. E eles me largaram, sabe? Eu tinha o apoio deles, mas aí depois foram embora, é isso. Eu percebi o motivo deles irem embora e não falar mais comigo não era a escola, era eu. Por ser só quem eu realmente era e aquilo me criou um bloqueio grande que eu acabei escondendo quem eu realmente era. Quem eu realmente era. Tinha vezes que eu não aguentava segurar quem eu era. E quando as pessoas sabem a nossa verdadeira história, eles acabam se afastando de você, quando você tem um transtorno parece que vai gerar mais problema na vida das pessoas. [Entrevista realizada em 14/03/2024, p. 8]

Foi exatamente nesse momento de sua descrição que ele deu abertura para trabalhar a questão de sua automutilação. Um pouco antes, ele confidenciou que a prática é vista como uma manifestação sintomática pelo seu psicólogo e não é exatamente um transtorno em si. De acordo com sua entrevista, por volta dos treze ou quatorze anos, Êvio passou a ter crises de ansiedade caracterizadas por câibras, tremeliques, fortes dores de cabeça e, por fim, suores e choros. Sua mãe o levou ao psiquiatra e ele iniciou sua psicoterapia nessa idade, aproximadamente um ano antes de sua entrada no Ensino Médio. O diagnóstico de Êvio veio alguns meses depois: transtorno de ansiedade generalizada, indícios de bipolaridade e déficit de atenção. O conjunto de sua experiência ansiosa o tornava quase um tipo-ideal dos discentes contemporâneos, se olharmos a partir dos olhos biomédicos.

Tal qual Fran e Vanessa, Évio começou na pré-adolescência a fazer uso de drogas fitoterápicas, inicialmente (para ficar mais calmo), e depois, psiquiátricas, como sertralina e lítio. Em sua perspectiva, o que realmente o constrange é o trabalho e o gasto vivenciado por sua família, especialmente, sua mãe:

Évio: *Olha, não vou mentir que ver minha mãe comprando aqueles medicamentos que não são baratos, não são baratos mesmo. Deixa triste muito mal. Por conta que a sociedade me fez. Essa pessoa não ser tão perfeita com esses problemas e, minha mãe tá trabalhando nisso minha mãe tá pagando. e eu não sei o que eu vou fazer. tipo como fosse uma rachadura na parede e ela tá tipo passando uma tinta para esconder essa rachadura, sabe? Que a sociedade fez comigo... Ela é muito ter aquele apoio. Antigamente eu não tinha aquele apoio da minha mãe que eu tive. Mas ela foi em busca de me entender. Ela está em busca de me entender por completo. [Entrevista realizada em 14/03/2024, p. 12]*

Como antropólogo, sou instado pelas falas dele sobre o significado do uso do termo “sociedade” em sua fala. Qual, exatamente, o sentido que ele lhe conferia? Perguntei-lhe, retrucando parte de seu discurso acerca de uma pessoa perfeita e da impossibilidade de se chegar, realmente, à perfeição:

Évio: *Para as pessoas entrarem na sociedade. Para as pessoas não serem julgadas na sociedade e elas entrar naquele padrão de ser perfeito: magro, malhado, olhos claros, cabelo grande e escuro. E não pessoas muito magras, muito acima do peso. Então está com aquele corpo perfeito. E aquilo atinge muitas pessoas, porque ninguém é perfeito. A gente sempre olha aqueles padrões tipo, no TikTok. Eu estou desistindo do TikTok, pois têm coisas que me atingem. Tem vídeos que tem corpos bonitos. Eu queria ser assim. Mas eu não posso ser assim. Porque eu sou diferente daquela pessoa. [Entrevista realizada em 14/03/2024, p. 15]*

Os dados trazidos por ele têm uma complexidade inerente à interpretação antropológica: o ato de automutilar-se como busca de uma autoimagem, que é, afinal, uma imagem alheia, feita pelos olhos de um outro social. Autores como Paul Preciado (2022) e, mais enfaticamente, Le Breton (2003) estabelecem a dimensão explicitamente imaginária das ideações de corpo que circulam na cultura. Nesse sentido, a forma como Évio evoca sua corporalidade, mediada por uma relação especular, é movimentada por uma dinâmica de sentimentos que são impulsionados nas redes sociais de vários modos. A idealização de um corpo perfectível, que, por sua vez, implicitamente marca a busca de certa masculinidade, faz com que sua carne se torne matéria a ser trabalhada pelo efeito especular ao qual se submete.

Um adendo à análise é necessário: parte da narrativa de Évio me leva aos escopos de uma antropologia fenomenológica, já que o conceito de *embodiment*, em sua

polissemia, se deve à perspectiva defendida pelo antropólogo estadunidense Thomas Csordas (2008). Ele vai conferir ao corpo um espaço importante no conhecimento antropológico, não por ser uma sede de representações da cultura, mas, por se constituir como *locus* da cultura. Não se tem um corpo, se é um corpo. Desse modo, a idealização de perfeição que Êvio corporifica na automutilação figura a inscrição crua das representações das imagens corporais; os sentimentos de afastamento, isolamento, tristeza e incerteza parecem conferir uma espécie de autoexplicação afetiva aos cortes e incisões que faz em todo o seu corpo: mãos, braços, coxas, pernas, pés. Ele me mostra, trata-se de furos do tamanho de uma unha, outros parecem queloides no formato da letra “v”. O recurso à somatização corpórea de sua imperfeição era vivenciado como uma forma de alívio somático da dor.

No final da entrevista, ele pontua sua abertura terapêutica após quase dois anos, e a ideia da automutilação como prática de regular as emoções é descrita da seguinte maneira:

Êvio: Eu aos poucos fui falando para as pessoas o que eu sentia. Eu falava tudo o que eu sentia para as pessoas e as pessoas acabavam espalhando. Daí chegou no ponto da minha mãe, que eu estava me mutilando. Daí minha mãe viu que eu estava me mutilando E achou que era uma frescura. Eu tenho uma mutilação nos braços, nas coxas e nessa região aqui (aponta para as pernas do joelho aos pés). Era uma forma de me aliviar, aliviar o que eu estava sentindo. Eu me cortava para por exemplo estava com muitos problemas, eu tinha de tirar o estresse em alguma coisa. Assim eu acabava me mutilando. [Entrevista realizada em 14/03/2024, p. 17]

De fato, talvez dotar a automutilação de um aspecto corporificado pareça ser óbvio aos/às leitores/as. Afinal, a história emocional de Êvio vai se elencar por um conjunto de argumentos, pondo em constituição uma dinâmica emocional particular. Do outro lado da história, o depoimento parecia ter um destinatário. Ao contrário do que se pode pensar, não era eu, na forma do pesquisador, a interpelar sua experiência subjetiva. Era um destinatário no interior da própria narrativa. O outro ao qual remetia era tanto aquele por quem sofria – os amigos, afastamentos, dificuldade de se socializar – quanto o outro conferidor de acolhimento – a mãe, a professora que ajudava a limpar seus cortes, o psicoterapeuta, os amigos mais próximos. Poderia, a título de um uso iconoclasta da entrevista de Êvio, pressupor um jogo do eu e do outro na constituição do seu processo de adoecimento. O corpo aparece como matéria de jogabilidade, daí, evidentemente, uma matéria a ser esculpida de modo interacional:

Évio: *Eu tinha bastante crises de raiva. Eu fazia mais quando eu estava triste. Isso foi um momento para eu não ficar mais triste, me acalmar mais um pouco, para me ajudar. Mas eu via que aquilo não me ajudava 100% porque machucava. Mas na hora eu não sentia dor, não sentia dor na hora não. As pessoas que sentiam dor não eram eu. Parecia que as pessoas na minha volta sentiam o processo. Eu não me feria só. Quero dizer era eu que me machucava, mas... Eu via que as pessoas ao meu redor também ficavam machucadas através disso. Por conta que eu tenho pessoas que me amam bastante, mesmo muitas pessoas que me amam e vê-las tristes por minha causa me deixa muito mais triste. [Entrevista realizada em 14/03/2024, p. 18]*

Esse jogo parece revelar-se como um palco, receptáculo de uma performance, a partir da perspectiva do sociólogo Erving Goffman (2009). Dessa maneira, é possível interpretar a automutilação como uma angústia singular, dramática e radical, cujos destinatários a veem de modo incompreensível. As regras do jogo não são explícitas, mas recônditas ao próprio sujeito. Évio parece, em alguns trechos de seu depoimento, revelar que a dor não era dele, mas proporcionada por meio dele. O que está em jogo é todo um campo de representação de si, corpo, emoções, em contínuo processual. O corpo funciona no fazer aparecer da jogada, como agência de expressão e sentido.

O ponto de convergência entre os testemunhos coletados de Évio, da Fran e de Vanessa revela a maneira como os processos de corporificação são complexos e compostos de inúmeras relacionalidades. A antropóloga Veena Das (2023) sugere, por exemplo, que os fenômenos de sofrimento são constituídos em tramas cotidianas, nas quais pessoas, situações, instituições entretecem significados e vivências sofríveis. Cada uma das entrevistas remete justamente às relações entre família, escola, emoções e corpo, e demonstram formas de apropriação subjetivas e singulares. Aqui, o tema maior de saúde mental e suas correlações com a vida estudantil ressoa de um modo próprio. Ansiedade, luto, automutilação cumprem uma espécie de resíduo relacional e o sofrimento causado pelos sintomas não diz de um lugar, mas de um tempo partilhado com o outro. A corporificação é, assim, uma encarnação/encenação, compassada de raivas, tristezas, medos, saudades e aflições sociais.

Considerações finais

Procurei transmitir um conjunto de questões pertinentes ao meu atual campo de estudos no pós-doutorado, especificamente as temáticas relativas ao corpo, às emoções, à saúde mental e à escola. Escolhi, nesse sentido, apresentar alguns relatos etnográficos e analisá-los conforme conversavam com diferentes abordagens antropológicas da saúde/doença e do corpo/emoção. A minha análise concentrou-se em abrir a caixa-

-preta das experiências de ansiedade e automutilação com a chave da corporificação do mundo. As narrativas dos/as interlocutores/as produziam complexas singularidades e movimentos de instanciação das formas de sofrimento, com intercalação de suas relações familiares, da sociabilidade e da vida estudantil. Optei, em alguns momentos, pela descrição enquanto forma de escrita que captura sentimentos e, por conta dessa estratégia, o texto vai e volta no campo da subjetividade dos sujeitos.

Nesse caso, pensar antropologicamente as emoções, conforme se pode argumentar, ressalta que os processos de adoecimento psicopatológico são modos de lidar com o mundo e de estabelecer diferentes regimes de identidade e diferença. Principalmente ao considerar que o contexto escolar é propício aos agenciamentos de pertencimento, coleguismo, amores, paixões, invejas e aceitação. No entanto, a defesa deste artigo é que as emoções, no caso da ansiedade e da automutilação, são linguagens da carne, simetrizam sintomas, jogam com a alteridade e performam angústias. Tal entendimento demanda uma compreensão menos propensa ao julgamento moral do outro e mais aberta às maneiras de estetizar e sentir as aflições. A antropóloga Michele Rosaldo chega a definir as emoções da seguinte maneira:

Emoções são pensamentos de alguma forma “sentidos” em rubores, pulsos, “movimentos” de nossos fígados, mentes, corações, estômagos, pele. Eles são pensamentos incorporados, pensamentos filtrados pela apreensão de que “estou envolvido”. O pensamento/afeto, portanto, evidencia a diferença entre a mera audição do choro de uma criança e a sensação de ouvir – como quando se percebe que o perigo está envolvido ou que a criança é sua (Rosaldo, 2019, p. 38).

A questão prevalente no texto é justamente o elemento inacabado da corporeidade remetido nas formas psicossomáticas descritas. Rosaldo (2019) ajuda a interpretar as maneiras pelas quais a ansiedade desliza, condensa e opera em complexos arranjos afetivos como no caso de Fran e Vanessa. Na situação de Êvio, a automutilação, as crises de raiva e a posição de baixa autoestima que relatava também se traduzem em um *looping* de culpa e autorresponsabilização, pondo a alteridade como uma via de mão dupla. Por um lado, significava acolhimento e, por outro, sua aparição era causa de sofrimento pelo olhar especular das redes sociais que ele usava. Ao realizar as entrevistas e tentar escutar com atenção o que meus alunos e alunas, interlocutores e interlocutoras apresentavam em seus relatos, passei a reconhecer sua capacidade de significar o corpo no processo mesmo de somatização. Assim, Êvio, Fran e Vanessa não tinham apenas informações a me oferecer, mas suas narrativas me possibilitaram um novo modo de pensar.

A ansiedade e seus efeitos corporais são mais do que respostas sensíveis e sensoriais em um mundo potencialmente atravessado por zonas de risco e ameaça, ou mesmo diante de tramas familiares, pressões estéticas e lutos. Os transtornos ansiogênicos podem ser lidos por sua expressividade fenomênica: são linguagens de/no corpo, estruturas de carne-sentimento, processos psicossociais em enclaves de subjetivação. Ao examinar detalhadamente os casos apresentados neste artigo e a demonstração da agência dos atores sociais ao compor, recompor e refletir acerca de seus padecimentos, é visível a percepção de que a saúde mental é uma problemática ampla. Nesse sentido, a experiência ansiosa, a depressão e a automutilação, que parecem afetar diversos jovens e adolescentes nos regimes escolares, não podem ser vistas enquanto problemas passageiros e individuais. A proposta do texto foi mostrar, a partir de uma mirada etnográfica, diferentes vetores de significação da experiência, da somatização de angústias e defender que os fenômenos ansiogênicos, longe de serem padecimentos *sui generis*, coproduzem e reproduzem tramas de sofrimento corporificadas e particularíssimas. Mas, não por isso, menos sociais.

Referências

- ABREU, Maria José. A. Technological indeterminacy: Medium, threat, temporality **Anthropological Theory**, Amsterdam, v. 13, n. 3, p. 267-284, 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1463499613492093>. Acesso em: 29 dez. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1177/1463499613492093>.
- ARAÚJO, Sônia Regina Cassiano de; MELLO, Marco Túlio de; LEITE, José Roberto. Transtornos de ansiedade e exercício físico. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 164-171, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/fLNhMjCxYWyZQLDYWFYNBCs/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 18 dez. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006005000027>.
- BASTIDE, Roger. Técnicas de repouso e de relaxamento. In: QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. (Org.). **Roger Bastide**. São Paulo: Ática, 1983. p. 88-93.
- BECK, Ulrich. **Sociedade do risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2010.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. **Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510.pdf>. Acesso em: 11 set. 2023.
- DAS, Veena. **Aflicção**: saúde, doença, pobreza. São Paulo: Ed. UNIFESP, 2023.

- DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da vida nervosa das classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LAPLATINE, François. **Antropologia da doença**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: Antropologia e Sociedade**. Campinas: Papirus, 2003.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2001. p. 11-46.
- MAUSS, Marcel. Sexta parte: As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2001. p. 401-422.
- MAUSS, M. A expressão obrigatória dos sentimentos (1921). In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (Org.). **Marcel Mauss**. São Paulo: Ática, 1979. p. 147-153.
- MORAES, Daniela Xavier *et al.* “Caneta é a lâmina, minha pele o papel”: fatores de risco da automutilação em adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem** (Suplementar 1), Goiânia, n. 73, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/PHCSPVm5wQncdn6LfdxW-V9K/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0578>.
- PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Dumará, 1995.
- PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- RABINOW, Paul; SAMIMIAN-DARASH, Limor. **Modes of Uncertainty: Anthropological Cases**. Chicago-London: University of Chicago Press, 2015.
- RIBEIRO, Darcy. **Uirá sai à procura de Deus: ensaios de etnologia e indigenismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- ROSALDO, Michele Z. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 18, n. 54, p. 31- 49, 2019. Disponível em: https://www.cchla.ufpb.br/rbse/RosaldoResumo_RBSEv18n54dez2019.pdf. Acesso em: 25 nov. 2025.
- SÁ, Gabriel Salgado R. de; FREITAS, Marcel de Almeida. Masculinidades intoxicadas: capital de gênero e uso de drogas no fisiculturismo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 74, p. 1-17, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/8tCMSWrLNjdWHDWYTR5Pgjk/?lang=pt>. Acesso em: 30 out. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449202500740006>.

SERRA, Adriano S. Vaz. O que é a ansiedade? **Psiquiatria Clínica**, Lisboa, v. 1, n. 2, p. 93-104, 1980. Disponível em: <https://rihuc.huc.min-saude.pt/entities/publication/b3bb1516-f843-4522-9cc-7-2171f9ea826e>. Acesso em: 20 set. 2025.

VÍCTORA, Ceres. Sofrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da Antropologia. **RECIIS**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p. 3-13, 2011. Disponível em: <https://homologacao-reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/764>. Acesso em: 13 nov. 2025. DOI: <https://doi.org/10.3395/reciis.v5i4.764>.